

Uma análise folkcomunicação do bar “A Baronesa” enquanto espaço de resistência da população LGBTQIA+ de Ilhéus¹

Lorena Borges OLIVEIRA²

Aissa Lauany SANTOS³

Stephanie Gonçalves de Jesus MACIEL⁴

Marcelo Pires de OLIVEIRA⁵

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

RESUMO

“A Baronesa” é um bar LGBTQIA+ em Ilhéus que viabiliza o encontro de pessoas Queer e fomenta a construção de uma comunicação folk desse grupo historicamente marginalizado. Apontamos a relevância do espaço para as pessoas LGBTQIA+, analisando as formas de expressão ali existentes. Para isso, realizamos entrevistas, pesquisa de campo e documental, com análise de fotografias do local à luz dos conceitos de folkcomunicação (BELTRÃO, 1980), heterossexualidade compulsória (RICH, 2012) e vigilância (FOUCAULT, 1987). Concluímos que “A Baronesa” é um local de acolhimento e resistência de grupos minoritários e marginalizados.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; LGBTQIA+; A Baronesa; Ilhéus

INTRODUÇÃO

A teoria da folkcomunicação nos mostra que a comunicação é um processo de compartilhamento de informação e produção de cultura que está presente nas mais diversas formas de interação social entre grupos humanos, e que comunidades marginalizadas desenvolvem suas próprias formas de expressão contra hegemônicas, seja

1 Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces Comunicacionais no 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

2 Discente de Graduação do curso de Rádio e Televisão da Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: lboliveira.cos@uesc.br

3 Discente de Graduação do curso de Rádio e Televisão da Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: alsalmeida.cos@uesc.br

4 Discente de Graduação do curso de Rádio e Televisão da Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: sgjmaciel.cos@uesc.br

5 Orientador do trabalho. Professor do Curso de Rádio e Televisão da Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: mpoliveira@uesc.br

através de cantigas, conversas informais, ditados, gírias, arte, entre outras. Apesar dos avanços relacionados aos direitos de pessoas LGBTQIA+ no Brasil, percebe-se que, ainda hoje, nem todos os locais são convidativos para esse grupo de pessoas. Em Ilhéus, por exemplo, cidade que até hoje sofre com as marcas do conservadorismo coronelista, poucos são os lugares que essas pessoas se sentem confortáveis de frequentar.

O artigo trata do bar “A Baronesa” enquanto espaço de resistência da população ilheense LGBTQIA+, dando foco às formas com que se comunicam nesse ambiente, como as relações que são estabelecidas pelos grupos e, conseqüentemente, qual a importância de haver um lugar de liberdade para essa parcela da população que não se sente acolhida na maior parte dos lugares que precisa estar diariamente.

METODOLOGIA E DISCUSSÃO TEÓRICA

A realização da pesquisa se deu, em primeiro momento, por entrevistas com os donos e frequentadores do bar, a partir das plataformas Whatsapp e Google Forms. Em seguida, foi feita uma visita de campo, na qual efetuamos registros fotográficos do espaço. Fizemos também um levantamento de referencial teórico sobre folkcomunicação (BELTRÃO, 1980), heterossexualidade compulsória (RICH, 2012) e vigilância (FOUCAULT, 1987). A partir disso, analisamos as fotografias à luz das teorias estudadas e justificamos a importância do bar para a comunidade LGBTQIA+.

A folkcomunicação é a teoria que estuda "o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore" (BELTRÃO, 1980, p. 24). É justamente nas formas alternativas de troca de informações que os grupos marginalizados se encontram e fazem a manutenção dos seus saberes e da sua cultura. Segundo Beltrão (1980), existem três grupos que compõem a audiência da folkcomunicação e a comunidade LGBTQIA+ se encontra dentro do grupo dos “urbanos culturalmente marginalizados erótico-pornográficos”, que segundo o autor, é composto de pessoas que não concordam ou aceitam a moral e costumes vigentes, “propondo-se a reformá-los em nome de uma liberdade que não conhece limites à satisfação dos desejos sexuais e prática hedônicas consideradas perniciosas pela ética social em vigor” (BELTRÃO, 1980, p. 104).

Ainda que haja leis que criminalizem a homofobia e a violência contra a comunidade LGBTQIA+, a realidade desses grupos continua permeada por ofensas,

agressões e, no pior dos casos, por mortes brutais. O Grupo Gay da Bahia realizou, em 2021, um relatório de mortes violentas de LGBTQIA+ no Brasil. Comparado a 2020, o país obteve um aumento de 237 para 300 mortes de LGBTQIA+, um crescimento de 8%. Já em 2019, em uma Síntese de Tendências predominantes das mortes violentas de pessoas desse grupo, o risco de uma pessoa transsexual ser assassinada é aproximadamente 17 vezes maior do que o de um homossexual. Além disso, o relatório conclui que é comum a veiculação de fotos de LGBTQIA+ mortos e omissão do nome social. Em 16 casos divulgou-se o nome civil masculino de vítimas travestis ou transexuais, e, ainda hoje, se faz uso de sensacionalismo nas manchetes, sobretudo em jornais locais, blogs e sites populares.

Monique Witting (2022), em “O pensamento hétero” afirma que a sociedade hétero tem necessidade do Diferente/Outro e não funciona economicamente, simbolicamente, linguisticamente ou politicamente sem este conceito. Sendo assim, ao representar corpos LGBTQIA+, a mídia hegemônica o fará da sua própria maneira, mesmo que atualmente existam alguns poucos veículos que se encarreguem de representar esses sujeitos, e que se afirmam enquanto meios comprometidos em tratar das individualidades de forma responsável, esta representação é realizada a partir de um pensamento dicotômico, que se baseia na diferença e, portanto, na ideia de dominante e dominado. Nesse sentido, é importante que alternativas comunicacionais sejam efetuadas a partir do olhar e estratégia do próprio grupo, que não se vê representado e não possui espaço nos meios hegemônicos. Ao se apropriar de um espaço como A Baronesa, a população LGBTQIA+ de Ilhéus tem a possibilidade de se manifestar livremente, subvertendo a moral conservadora da cidade, representando os interesses e necessidades da sua classe por meio da construção de canais alternativos e populares de expressão, se organizando e viabilizando um lugar de resistência.

ANÁLISE

A Baronesa fica situada no Bairro do Pontal, zona sul da cidade. O bar é administrado por um casal homoafetivo, sendo um contador e um cabeleireiro, Ian e Rogério, que estão juntos há 4 anos. Segundo eles, o nome do bar é tanto proveniente do arquétipo da pombagira Maria Padilha, como também uma referência às baronesas que invadem as praias da cidade e à baronesa que viveu em Ilhéus, uma dançarina e prostituta de cabaré. A comunicação folk se evidencia na escolha do nome, que referencia uma

entidade de religiões afro-brasileiras e uma prostituta, ambas integrantes de grupos urbanos e culturalmente marginalizados (BELTRÃO, 1980). Segundo Ian e Rogério (2022), “Em ilhéus os bares são masculinos, as pessoas frequentam sempre ‘o tal...’, no nosso caso as pessoas vão ‘à Baronesa’”, assim, observa-se a importância da linguagem no processo de negação do padrão heteronormativo percebido nos bares da região.

As comemorações são movimentadas por festas temáticas, tendo como atrações as draglands, além de bandas com samba de roda, referências ancestrais, rock e afropunk. É comum que os artistas convidados sejam pessoas negras, LGBTQIA+, drag queens, como é o caso da última festa promovida pelo bar em 2022, que contou com a participação de Sindel Blade, artista conhecida na região por seu trabalho como DJ e drag queen. Em um momento de grande efervescência política, em que a extrema-direita tem tentado conter e dificultar a vida desses grupos, causando medo e insegurança e ameaçando a liberdade de expressão das populações que vão de encontro aos seus ideais, chama a atenção que as pessoas se sintam livres para expressar seus desejos, opiniões e posicionamentos políticos, como é o caso dos adesivos do Partido dos Trabalhadores colados por todas as paredes da Baronesa e da realização do evento Sexta-feira 13, “uma celebração à democracia onde o bar todo custa 13 reais” (IAN; ROGÉRIO, 2022).

A fim de denunciar e enfrentar o domínio das classes hegemônicas, as manifestações por meio dos textos e fotos em prol da causa LGBTQIA+ representam um mecanismo de resistência social e cultural, bem como de empoderamento, no sentido de evidenciar a percepção de pertencimento e posituação da identidade social em um contexto de luta desses grupos socialmente marginalizados. Esses são mecanismos que compreendem formas interpessoais ou grupais de manifestações populares protagonizadas pelas classes subalternas, que se utilizam da folkcomunicação para expressar suas mensagens. (BELTRÃO, 1971 apud WOITOWICZ, 2011). Em um dos espaços do bar é possível identificar a presença desse mecanismo de manifesto. Por meio dos escritos de post-its anexados em um mural, são observados discursos de resistência que residem na reivindicação por direitos civis, igualdade, direito de expressão e pelo direito de existir e viver, assumindo um caráter político em forma de protesto, a exemplo de frases como “só a luta muda a vida”, “ousar lutar, ousar vencer” e “o futuro se faz no agora” encontradas no mural. Além do mais, há também gírias e expressões típicas da linguagem LGBTQIA+, como o uso da hashtag “#FreeBritney” e a frase “uma música pas gay”, que muitas vezes são compreendidas apenas pelos próprios integrantes da tribo em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma sociedade que constrói o corpo enquanto um depósito de visões sexualizantes, artistas como Sindel Blade, que transgridem as regras de representação corporal determinadas socialmente, inspiram e asseguram aos frequentadores do bar que eles podem se vestir, se comportar e se relacionar da maneira que desejarem naquele espaço, o que se confirma quando uma das pessoas entrevistadas afirma que “a baronesa em si é um ambiente em que me sinto livre para ser quem sou, dançar do jeito que quero, beijar quem eu quiser, sem olhares de julgamentos.”.

O indivíduo que transgride e não se apresenta de acordo com as regras determinadas socialmente para o seu sexo, é visto diariamente como “o Outro” aos olhos de uma sociedade patriarcal e cis heteronormativa. Após toda a discussão acerca dos processos comunicacionais, sejam eles textuais, orais e/ou imagéticos, é possível perceber que a população marginalizada que frequenta este bar e que sofre opressões na maioria dos espaços que visita, encontra na Baronesa um espaço em que, por algumas horas, é possível se sentir adequado sendo quem se é, sem necessitar vestir as máscaras exigidas na maioria dos espaços públicos e privados. Através da convivência e identificação com o seu grupo, os indivíduos se encontram, se fortalecem e se vêem dignos de amor, afeto e respeito, dando vida a um movimento de resistência Queer e popular que tende a crescer cada vez mais não só em Ilhéus como em todos os espaços onde a cultura e a vida resistem.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GRUPO GAY DA BAHIA. Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil Relatório do Grupo Gay da Bahia, 2021. Disponível em Acesso em: 03 jan. 2023.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

WITTING, Monique. O pensamento hétero e outros ensaios. 1. ed. [S. l.]: Autêntica Editora, 2022. 137 p.

WOITOWICZ, Karina Janz. Diálogos entre folkcomunicação e mídia alternativa: um passeio teórico pelas formas de comunicação dos grupos marginalizados. Razón y Palabra, núm. 77, agosto-outubro, 2011 Universidad de los Hemisferios. Quito, Ecuador

ENTREVISTA

IAN; ROGÉRIO, 2022 – concedida para este artigo – Ilhéus, jan. 2023.